

Sessão síncrona 2

Tarefa prática

Primeiro viram a ANDUA, estendida, como um erro magnífico, na lama vermelha.

As penas, muito verdes, reluziam no silêncio húmido daquela manhã de janeiro de 1902.

Um dos soldados, Nande, um cuanhama alto, sólido como um imbondeiro, ajoelhou-se junto à ave:

– Não tem ferida nenhuma, meu alferes...

Luís Gomes Mambo juntou-se ao soldado, curioso:

– Então morreu de doença?

O jovem sacudiu os ombros, num espanto mudo. Alguns metros adiante encontraram mais aves mortas. Logo depois, uma pequena gazela.

A montanha Halavala despontava acima do nevoeiro, como uma ilha flutuante, quando, numa curva do caminho, avistaram um acampamento militar. Era, tinha de ser, o pelotão do sargento Pedro Amado. O alferes Luís Mambo recebera instruções para se reunir ao sargento, ali mesmo, a uns dez quilómetros da mítica montanha. Marchariam depois, todos juntos, os madeirenses e os bóeres de Pedro Amado e os landins, cuamatos, cuanhamas e damaras do cabindense Luís Mambo, até às terras de um comerciante português, Silvestre Souto da Mata, por alcunha «O Pasmado», cujas lojas haviam sido atacadas e pilhadas por guerreiros de Mutu-ya-Kevela, o rei do Bailundo.

José Eduardo Agualusa, *Mestre dos Batuques*. Quetzal Editores, 2024, p. 13.